

Para Enfeitar a Festa

RUBEM BRAGA

Eu estava com razão quando disse que a visita de um Grupo-Tarefa de nossa Marinha de Guerra ao porto de Luanda não agradaria às jovens nações africanas. Os diplomatas africanos acreditados no Brasil pediram explicações ao Itamarati sobre essa e outras atitudes de nosso governo em relação aos territórios portugueses de África.

Os cruzadores «Barroso» e «Tamandaré» e dois contratorpedeiros, levando a bordo 310 aspirantes da Escola Naval, acompanhados de oficiais-instrutores e do comando do Corpo de Alunos, e ainda, como convidados, cadetes da Aeronáutica e do Exército, sob o comando do comandante-chefe da Esquadra, atravessarão o Atlântico para visitar a capital de Angola.

Haverá, certamente, pomposa recepção, desfiles, baile, banquete, discursos e tudo o mais, com derrame de frases sentimentais sobre a amizade luso-brasileira. E tudo isso será capitalizado moralmente (digamos assim) pela administração da metrópole, enquanto no interior da colônia prosseguem as lutas pela libertação. Fim da festa, o Grupo-Tarefa regressará ao Brasil sem visitar nenhuma nação livre do continente africano.

Não se poderia escolher maneira mais perfeita de desgostar e afrontar essas jovens nações mal libertadas da exploração colonial e por isso mesmo ciosas de sua independência e ansiosas de ver todo o continente livre do domínio europeu.

Quem conhece o carinho que os revolucionários de Angola, de Moçambique, da Guiné, de Cabo Verde, têm pelas coisas brasileiras, a esperança e a ternura com que se voltam para nosso país, pode avaliar o mau gosto dessa alegre excursão naval.

Como os portugueses têm o gosto das reconstituições históricas seria interessante que, na volta, esses vasos de guerra guarnecidos pela flor de nossa juventude militar escoltassem a réplica de um Navio Negreiro para tornar mais impressiva a nossa solidariedade ao colonialismo luso. Não é difícil reconstituir um desses barcos estudando os arquivos navais portugueses; sobre a movimentação da pantomima a bordo o sr. Chianca de Garcia (perito nessas coisas) poderia colhêr elementos nas descrições feitas por um antigo poeta brasileiro chamado Antônio de Castro Alves.

Aí fica a sugestão que o sr. Pio Correia poderá hábilmente mandar a Luanda para tornar a festa mais significativa e mimosa.

11. 1. 67